

6.º CILGP

CONGRESSO DOS INTÉRPRETES
DE LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA

16 E 17 JULHO 2026 | AUDITÓRIO ESE P.PORTO

LIVRO — DE — RESUMOS

Livro de Resumos

Programa e Resumos

6.º Congresso dos Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa

Tradução & Interpretação



Língua Gestual Portuguesa

P.PORTO

**ESCOLA
SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO**

FICHA TÉCNICA

Título	6.º Congresso dos Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa
Autora	Susana Barbosa
Coautores	Estudantes do 2.º e 3.º Ano do Curso de Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa
Comissão Editorial	Susana Barbosa e Natalie Sturm
Data	Julho de 2026
ISBN	978-989-9226-22-7
DOI	10.26537/ed.p.porto.252
Suporte	Eletrónico
Formato	PDF / PDF/A
Editor	Politécnico do Porto – Escola Superior de Educação
Email	cilgp@ese.ipp.pt
Website	eventos.ese.ipp.pt/www/6cilgp

ÍNDICE

COMISSÃO CIENTÍFICA.....	5
COMISSÃO ORGANIZADORA	6
6.º CONGRESSO DOS INTÉRPRETES DE LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA.....	7
PROGRAMA.....	8
16 DE JULHO.....	12
SESSÃO PLENÁRIA 1. A INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA EM CONTEXTOS EMERGENTES: TRABALHO EM EQUIPA	13
Teatro: um Espetáculo de Interpretações.....	15
Interpretação em LGP na Assembleia Municipal.....	18
Adaptação e Interpretação em Contexto Musical	21
WORKSHOP 1. CORPO, VOZ E COMUNICAÇÃO EXPRESSIVA	25
17 DE JULHO.....	28
WORKSHOP 2. QUEM SOU EU QUANDO FALO PELO OUTRO? SAÚDE MENTAL E O INTÉRPRETE ENTRE LÍNGUAS	29
COMUNICAÇÕES LIVRES.....	32
Inclusão nas EREB: Perceção dos profissionais	33
A dança como linguagem de expressão e desenvolvimento na comunidade surda.....	36
Perspetivas de pessoas surdas sobre intérpretes na saúde e saúde mental em quatro países.....	39
Contribuições do intérprete na transição dos alunos surdos para a vida adulta	44
SESSÃO PLENÁRIA 2. QUE PROFISSÃO QUEREMOS CONSTRUIR?.....	46
SESSÃO PLENÁRIA 3. QUANTO TEMPO DURA UMA CARREIRA NA INTERPRETAÇÃO EM LGP? ...	49
ORGANIZAÇÃO	55
APOIO E COLABORAÇÃO	55

COMISSÃO CIENTÍFICA

Ana Oliveira | SERViiN

Carla Serrão | Escola Superior de Educação do P.PORTO; inED

Neuza Santana | Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra

Liliana Duarte | Agrupamento de Escolas Quinta de Marrocos

Manuela Sanches-Ferreira | Escola Superior de Educação do P.PORTO; inED

Maria José Freire | Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

Miguel Augusto Santos | Escola Superior de Educação do P.PORTO; inED

Mónica Maia | Escola Superior de Educação do P.PORTO ; inED

Mónica Santos | Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano

Susana Branco | Agrupamento de Escolas D. Maria II

Susana Martins | Escola Superior de Educação do P.PORTO; inED

Tânia Martins | Escola Secundária Alves Martins, Viseu

COMISSÃO ORGANIZADORA

Susana Barbosa

Presidente do Congresso – Escola Superior de Educação do P.Porto;
inED

Estudantes do 3.º e 2.º ano

Licenciatura em Tradução e Interpretação em Língua Gestual
Portuguesa – Escola Superior de Educação do P.PORTO:

Bruno Pereira

Catarina Silva

Inês Amaral

Helena Ferreira

Júlia Borges

Mariana Sousa

Natalie Sturm

Patrícia Armada

Sara Marques

6.º CONGRESSO DOS INTÉRPRETES DE LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA

O 6.º Congresso dos Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa realizar-se-á no Porto, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (ESE do P.PORTO), nos dias 16 e 17 de julho de 2026.

O Congresso dos Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa é um encontro bianual promovido pelo curso de Tradução e Interpretação em Língua Gestual da ESE do P.PORTO. O principal objetivo deste ciclo de congressos traduz não só o crescimento científico desta profissão como também a preocupação constante na promoção da investigação e na demonstração da eficiência das práticas profissionais. Durante a programação, ocorrerão sessões plenárias, workshops e comunicações livres voltadas para a profissão do tradutor, intérprete e guia-intérprete de língua gestual.

Convidamos toda a comunidade científica e académica a juntar-se a este evento e a marcar presença neste 6.º Congresso que é também o Congresso de reencontro dos profissionais.

Esperamos por vós!

Susana Barbosa,
Presidente do Congresso

PROGRAMA

16 DE JULHO

13:30	Credenciação dos participantes e entrega da documentação
14:00	SESSÃO DE ABERTURA Susana Barbosa Presidente do Congresso, ESE P.PORTO José Alexandre Pinto Presidente da ESE P.PORTO Joana Cottim Presidente da Associação de Surdos do Porto
14:20	SESSÃO PLENÁRIA 1. A INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA EM CONTEXTOS EMERGENTES: TRABALHO EM EQUIPA Moderador: Jorge Ferreira ATILGP Ana Oliveira e Joana Filipa Silva Teatro: um Espetáculo de Interpretações Diogo Rodrigues e Sofia Brizida Interpretação em LGP na Assembleia Municipal Jéssica Ferreira e Miguel Ralha Adaptação e Interpretação em Contexto Musical
16:20	Intervalo
16:50	<i>WORKSHOP 1. CORPO, VOZ E COMUNICAÇÃO EXPRESSIVA</i> Poliksena Ivanova Hardalova ESE P.PORTO Sónia Barbosa ESE P.PORTO

17 DE JULHO

09:00 | **WORKSHOP 2. QUEM SOU EU QUANDO FALO PELO OUTRO? SAÚDE MENTAL E O INTÉRPRETE ENTRE LÍNGUAS**

Marcelo Souza | Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

11:00 | Intervalo

11:30 | **COMUNICAÇÕES LIVRES**

Moderadora: Sara Marques | Comissão Organizadora, ESE P.PORTO

Cátia Barros e Joana Moreira | Inclusão nas EREB: Perceção dos profissionais

Filipa Carvalho | A dança como linguagem de expressão e desenvolvimento na comunidade surda

Sílvia Alves, Susana Barbosa, Ivone Duarte, Inmaculada Garrote, Rayco Gonzalez, Hakan Sari, Beyza-Yakici, Irene Strasly e Pierrette Bouillon | Perspetivas de pessoas surdas sobre intérpretes na saúde e saúde mental em quatro países

Natalie Sturm | Contribuições do intérprete na transição dos alunos surdos para a vida adulta

13:00 | Almoço

14:15	SESSÃO PLENÁRIA 2. QUE PROFISSÃO QUEREMOS CONSTRUIR? Liliana Duarte Agrupamento de Escolas Quinta de Marrocos Mónica Santos Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano Susana Branco Agrupamento de Escolas D. Maria II
16:15	Intervalo
16:20	Momento Surpresa
16:30	SESSÃO PLENÁRIA 3. QUANTO TEMPO DURA UMA CARREIRA NA INTERPRETAÇÃO EM LGP? Moderadora: Teresa Martins ESE P.PORTO Cidália Correia Jesus FPAS – Federação Portuguesa das Associações de Surdos Joana Sousa Escola Superior de Educação do Politécnico de Coimbra Paula São Pedro Agrupamento de Escolas Eugénio de Andrade
18:00	SESSÃO DE ENCERRAMENTO Bruno Pereira Comissão Organizadora, ESE P.PORTO Mónica Maia Curso de Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa, ESE P.PORTO

16 DE JULHO

SESSÃO PLENÁRIA 1.

A INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA EM CONTEXTOS EMERGENTES: TRABALHO EM EQUIPA

Moderador: **Jorge Ferreira** | ATILGP

Jorge Ferreira

Jorge Ferreira é licenciado em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, desde 2019.

Atualmente, exerce funções como Intérprete de Língua Gestual Portuguesa na Universidade do Porto, conciliando esta atividade com a prestação de serviços de interpretação em diversos contextos, com especial incidência nas áreas de intervenção social e de apoio a pessoas com surdocegueira.

Desde 2020, integra a Associação de Tradutores e Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa (ATILGP), da qual é atualmente membro da Direção. No âmbito da sua atividade associativa, tem contribuído para o fortalecimento da profissão, para a promoção de boas práticas e para a valorização dos profissionais da interpretação, defendendo uma comunicação cada vez mais acessível, inclusiva e de qualidade.

É coautor da publicação ATILGP – Associação de Tradutores e Intérpretes de LGP: Uma História de Sucesso para a Comunicação (2023).

Em 2026, integrou a equipa do projeto internacional SPREADACS – Social Haptic Signs for the Deaf and Blind in Education, dedicado ao desenvolvimento e à promoção de estratégias de comunicação para pessoas com surdocegueira.

Teatro: um Espetáculo de Interpretações

Ana Oliveira

Ana Oliveira é Doutora em Educação, Mestre em Ciências da Educação: Educação e Surdez, Bilinguismo e Língua Gestual e Licenciada em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa.

Trabalha como intérprete de língua gestual portuguesa, desde 2014, e desempenhou funções de interpretação em contexto universitário durante dez anos. Atualmente, além da prestação de serviços em diferentes contextos institucionais, particulares e artísticos, colabora diariamente com o Serviin, a Associação do Porto de Paralisia Cerebral (APPC), o Município de Santa Maria da Feira e com o Teatro Nacional São João.

No domínio da investigação, conta com a publicação de quatro artigos científicos, desde 2022 e, em 2019, começou a integrar o projeto internacional Social Haptic Signs for the Deaf and Blind in Education, que atualmente se encontra na sua segunda fase e em vigor, com a denominação SPREADACS.

Desde 2023 que é orientadora cooperante de estudantes estagiários da Licenciatura em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto.

Joana Filipa Silva

Joana Filipa Soares da Silva, licenciada em tradução e interpretação em Língua Gestual Portuguesa (LGP). Formação em expressão dramática pelo Aquilo Teatro.

Desde 2008 que exerce funções como intérprete de LGP em diversos contextos. Encontra-se a exercer funções no agrupamento de Escolas João de Araújo Correia – Peso da Régua. Frequentemente presta serviços para o contexto artístico, destacando-se a sua colaboração com o Teatro São João, Peripécia Teatro e ZigurFest.

Desde 2020 que integra os órgãos sociais da ATILGP- Associação de Tradutores e Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa.

Fez parte das seguintes publicações: “Ser Intérprete de Língua Gestual Portuguesa” (2015); “Intérprete que sou” (2019); ATILGP - Associação de Tradutores e Intérpretes de LGP - Uma História de Sucesso para a Comunicação (2023); autora do livro infantojuvenil “Existo, logo Comunico” (2023).

A arte do teatro constitui uma das mais profundas formas de expressão humana, onde a comunicação transcende as palavras e se manifesta através do corpo, do olhar, do espaço e da emoção.

A relação entre o teatro e a Língua Gestual Portuguesa (LGP) é intrínseca e, neste contexto, os intérpretes de LGP assumem um papel duplamente interpretativo. Para desempenharem um trabalho linguisticamente rigoroso e artisticamente expressivo, estes profissionais necessitam de um conjunto diversificado de competências, uma vez que o espetáculo teatral apresenta desafios que vão muito além da tradução do texto dramático ou do discurso dos atores.

A cena é composta por diversos elementos sonoros, visuais e performativos que contribuem para a construção de significados e influenciam a experiência do público. Assim, a interpretação em LGP

deve ser realizada em equipa, não apenas para assegurar apoio entre intérpretes, mas sobretudo para criar diferentes dinâmicas interpretativas e desenvolver estratégias que preservem o ritmo, a emoção e a identidade artística da obra.

É igualmente fundamental reconhecer que os intérpretes de LGP não podem ser considerados meros elementos acessórios em palco. Devem integrar todo o processo artístico e ocupar uma posição adequada que lhes permita desempenhar o seu trabalho com qualidade, rigor e profissionalismo.

Neste sentido, torna-se essencial investir na formação especializada de intérpretes para contextos artísticos, valorizar a LGP enquanto linguagem estética e refletir sobre novas formas de integrar estes profissionais nas produções teatrais. A aposta em espetáculos bilingues representa um passo importante para garantir que o público Surdo possa fruir, plenamente, da experiência teatral.

Desta forma, o teatro afirma-se como um espaço onde diferentes linguagens coexistem, enriquecendo a criação artística e reforçando o seu papel enquanto instrumento de expressão, participação e transformação social.

Interpretação em LGP na Assembleia Municipal

Diogo Rodrigues

Diogo Rodrigues nasceu em Guimarães e é licenciado em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa pelo Instituto Politécnico do Porto (2022). Nesse mesmo ano, foi distinguido com o Prémio de Excelência relativo ao ano letivo de 2021/2022.

Desenvolveu atividade como investigador bolseiro na área da educação de alunos surdos e exerce atualmente funções como intérprete de Língua Gestual Portuguesa em diversos contextos, incluindo conferências, tribunais, concertos e outros eventos institucionais e culturais.

Sofia Brizida

Sofia Brizida nasceu no Porto e construiu o seu percurso em torno da comunicação, da acessibilidade e da Língua Gestual Portuguesa. Licenciada em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa desde 2017. Tem vindo a desenvolver trabalho em contextos muito diversos, sempre com o mesmo ponto em comum: aproximar pessoas, tornar mensagens acessíveis e dar presença a vozes que nem sempre chegam a todos da mesma forma.

Atualmente, trabalha no Porto Canal e na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, conciliando estas funções com a atividade enquanto intérprete freelancer em diferentes áreas, como tribunais, consultas médicas, teatros, conferências, assembleias municipais, Marchas LGBTQ+ entre outros. Faz também parte da Associação de Surdos do Porto, onde assume o cargo de secretária da Mesa da

Assembleia Geral, mantendo uma ligação próxima à Comunidade Surda e ao seu desenvolvimento.

Além disto, tem também a música na sua vida tendo já experiência na interpretação vocal de temas originais relacionados com a área.

Guia de Boas Práticas para Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa: A Importância da Preparação e do Trabalho em Equipa no contexto Assembleias Municipais:

Desde 2024, a interpretação das Assembleias Municipais tem constituído um contexto de prática regular que tem permitido refletir sobre a importância da adoção de boas práticas na interpretação em Língua Gestual Portuguesa (LGP). A experiência adquirida evidencia que a qualidade do serviço prestado depende não só das competências técnicas e linguísticas dos intérpretes, mas também da preparação, da coordenação entre colegas e da relação estabelecida com a Comunidade Surda.

Esta comunicação apresenta um guia de boas práticas baseado na experiência adquirida neste contexto, abordando aspetos fundamentais da preparação prévia, como chegar atempadamente ao local, utilizar vestuário adequado ao contexto institucional, verificar as condições de imagem e som e estudar previamente os temas da ordem de trabalhos.

Será igualmente destacada a importância do trabalho em dupla, essencial para garantir a qualidade da interpretação. A coordenação entre intérpretes permite definir estratégias de apoio, harmonizar opções linguísticas e terminológicas, prestar apoio gestual durante a

interpretação e monitorizar os níveis de fadiga, assegurando trocas atempadas e confortáveis para ambos os profissionais.

Por fim, será abordada a relevância da reflexão após cada serviço, através da partilha de feedback entre colegas e da recolha de contributos junto da Comunidade Surda local, promovendo uma prática profissional mais crítica, colaborativa e orientada para a melhoria contínua.

Com esta comunicação pretende-se partilhar um conjunto de recomendações práticas que contribuam para reforçar a qualidade, a ética e a consistência dos serviços de interpretação em LGP, valorizando o trabalho em equipa como um elemento indispensável para responder às exigências de contextos institucionais como as Assembleias Municipais.

Adaptação e Interpretação em Contexto Musical

Jéssica Ferreira

Jéssica Ferreira é intérprete de Língua Gestual Portuguesa (LGP) desde 2021, licenciada em LGP pela Escola Superior de Educação de Coimbra. Atualmente, membro da direção da ANAPI-LG, como tesoureira.

O seu percurso profissional destaca-se pela ligação ao contexto artístico, cultural, educativo e político, refletindo um compromisso sólido com a acessibilidade e a inclusão.

No âmbito das artes performativas, tem colaborado com estruturas de referência como o Rock in Rio, Kalorama, CCB, Convento São Francisco, entre outras.

Desenvolve ainda trabalho em contexto teatral, educativo e político, assegurando mediação linguística.

A sua visão da inclusão vai além da tradução linguística, integrando também uma perspetiva de adaptação cultural. Procura garantir que a comunidade Surda usufrua de forma plena da experiência artística, entendendo a interpretação como uma ponte entre universos culturais e como um instrumento essencial para a democratização do acesso à cultura e à cidadania.

Miguel Ralha

Miguel Ralha, 27 anos. Natural de Coimbra tendo prosseguido os estudos e concluído os mesmos na cidade dos estudantes.

Intérprete de Língua Gestual Portuguesa desde o final de 2020 tendo tirado a sua licenciatura na ESEC (Escola Superior de Educação de Coimbra).

O seu percurso profissional abrange várias áreas, tendo começado pela área da saúde (SNS 24) e posteriormente mudado para a educação (ensino superior). É bastante eclético no que toca a trabalho onde além do ensino e saúde, trabalha também em contextos políticos, televisão, congressos etc.

As artes estiveram sempre presentes desde o início do seu percurso tendo trabalhado em festivais de cinema, com companhias de teatro, concertos e festivais como o Rock in Rio, Humanorama e Meo Kalorama.

No meio deste percurso, que já dura há uns anos, ainda arranjou tempo para trabalhar fora do país onde procurou desenvolver outras capacidades e ver um pouco mais do que o mundo tinha para oferecer. As saudades não o deixaram ficar longe muito tempo, tendo regressado a Portugal em março do ano passado, mais concretamente para Lisboa, onde reside e trabalha na sua área de formação desde então.

Espectáculos de música constituem um contexto de interpretação em Língua Gestual Portuguesa (LGP) particularmente exigente, onde a construção de significado resulta da conjugação entre letra, música, ritmo, expressão artística e interação com o público. Nestes contextos, o papel do intérprete vai além da mediação linguística,

exigindo uma preparação rigorosa, capacidade de adaptação e um trabalho colaborativo contínuo.

A forma como esse trabalho é desenvolvido depende, em grande medida, das condições de preparação disponíveis. Quando existe acesso prévio às set lists e às letras das músicas, é possível desenvolver um processo de estudo conjunto, discutir diferentes propostas interpretativas e construir soluções que conciliem rigor linguístico, intenção artística e expressão visual. Em contrapartida, em contextos como os festivais, onde a informação é frequentemente limitada ou inexistente, a interpretação exige uma resposta imediata, assente na comunicação entre intérpretes, na gestão do stress e na capacidade de adaptação perante situações imprevistas.

Com base na nossa experiência, esta comunicação pretende refletir sobre a forma como o trabalho em equipa se transforma ao longo das diferentes fases da interpretação musical, desde a preparação das canções até à intervenção durante o espetáculo. Serão partilhadas estratégias de organização, construção conjunta da interpretação, adaptação linguística e cultural das músicas e mecanismos de apoio entre intérpretes, refletindo sobre o impacto que estas práticas podem ter na qualidade da interpretação.

Será igualmente abordado o papel do intérprete-performer enquanto elemento que contribui para uma experiência cultural mais completa por parte das pessoas surdas, procurando assegurar não apenas o acesso ao conteúdo das canções, mas também à sua dimensão artística, estética e emocional.

Acreditamos que a reflexão sobre estas experiências poderá contribuir para o reconhecimento da interpretação em contexto musical como uma área de especialização da profissão, reforçando

a importância do trabalho em equipa, da preparação em colaboração e da capacidade de resposta a diferentes contextos como fatores determinantes para a evolução da interpretação em LGP.

WORKSHOP 1. CORPO, VOZ E COMUNICAÇÃO EXPRESSIVA

Poliksena Ivanova Hardalova | ESE P.PORTO

Sónia Barbosa | ESE P.PORTO

Poliksena Ivanova Hardalova

Poliksena Hardalova é licenciada em Interpretação para Teatro e Teatro de Marionetas pela Academia Nacional de Teatro e Cinema da Bulgária. É doutorada em Teatro e Estudos de Teatro pela mesma academia, onde iniciou o seu percurso como docente. A sua prática artística e investigação centram-se no teatro, no drama e nas formas animadas aplicadas à educação, enquanto instrumentos de desenvolvimento pessoal, inclusão e transformação social. Cofundadora do Teatro Tsvete, na Bulgária, desenvolveu e coordenou numerosos projetos artísticos, educativos e sociais na Europa, nos Balcãs e nos Estados Unidos. É Vice-Presidente da Associação para a Educação de Segunda Oportunidade, tendo sido coordenadora artística, consultora e formadora da Escola de Segunda Oportunidade de Matosinhos. Atualmente, é professora adjunta de Teatro e Drama na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto e investigadora integrada do INET-md/CIPeM.

Sónia Barbosa

Sónia Barbosa é atualmente doutoranda no programa doutoral em Criação Artística, na Universidade de Aveiro. Descobriu a sua vocação pelo teatro ainda antes de se licenciar nesta área artística (1997). Desde 2001, tem vindo a desenvolver a sua carreira profissional e artística, explorando o binómio «Teatro-Educação», quer como docente na Escola de Educação do Instituto Politécnico do Porto, quer como diretora de projetos artísticos com coletivos de não-artistas. Possui uma especialização em teatro (2020) e é investigadora no INET-md|CIPEM.

Num mundo em rápida transformação, com tecnologias em constante evolução e uma ocupação cada vez mais invasiva dos nossos territórios pela inteligência artificial, existe uma ilha — um oásis — onde o olhar, o gesto e a palavra continuam a ser um tesouro inestimável. Um tesouro que devemos preservar para nos lembrar que estamos vivos, que somos humanos e que somos capazes de sentir empatia pela vulnerabilidade do outro.

O workshop convida-vos a encontrar essa ilha: a vermo-nos, a ouvirmo-nos, a ligarmo-nos uns aos outros, a explorar, a descobrir, a alegrarmo-nos e a partilhar as nossas descobertas.

Numa abordagem interativa e dinâmica, esta oficina desafia os participantes a explorar o espaço de encontro, o corpo, a voz e a comunicação expressiva, fortalecendo a relação com os outros, a imaginação e a criatividade na construção de significado.

Dirigida a profissionais da área da interpretação em LGP, a oficina pretende apoiar e capacitar os participantes através da exploração de novas formas de participação, escuta e colaboração. Recorrendo à improvisação, à criação individual e coletiva, propõe-se questionar estratégias e hábitos enraizados, abrindo espaço à experimentação e ao desenvolvimento de formas de comunicação ainda por explorar.

17 DE JULHO

WORKSHOP 2.

QUEM SOU EU QUANDO FALO PELO OUTRO?

SAÚDE MENTAL E O INTÉRPRETE ENTRE LÍNGUAS

Marcelo Sousa | Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Marcelo Souza

Marcelo Wagner de Lima e Souza é psicólogo e psicanalista, graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG, 2006), com pós-graduação em Psicologia Jurídica (PUC-MG, 2011), mestrado em Linguística (PUC-MG, 2013) e doutorado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sua tese de doutoramento, intitulada O inconsciente e a Língua de Sinais: a (não) exclusividade da dimensão sonora na constituição do sujeito, investiga os fundamentos da teoria psicanalítica lacaniana a partir da clínica com surdos usuários de Libras, problematizando o estatuto da sonoridade e da língua na constituição subjetiva.

Intérprete e Instrutor de Libras certificado pelo PROLIBRAS/UFSC/MEC, atuou como intérprete no Ensino Regular da Prefeitura Municipal de Betim e no Ensino Superior na PUC-MG. Trabalhou por anos em centro de atendimento à pessoa com deficiência da Prefeitura Municipal de Betim, acumulando experiência clínica e institucional abrangente nesse campo. É servidor público

federal na UFMG, onde atua como Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais no Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI/UFMG).

Possui experiência em Psicologia Clínica com atendimentos individuais e em grupo a pessoas ouvintes e surdas usuárias de Libras, de forma presencial em Belo Horizonte e online para pacientes no Brasil e no exterior. Atuou também em trabalhos sociais e como professor em cursos de graduação e pós-graduação.

Participa da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e desenvolve reflexões sobre temas da psicanálise em interface com o campo das línguas de sinais, com interesse particular nas implicações clínicas e institucionais do atendimento à pessoa surda em saúde mental.

Este workshop discute a saúde mental na interpretação em língua gestual a partir de uma pergunta que atravessa dois lugares, o de quem interpreta (o profissional) e o da pessoa surda (que recebe o serviço): quem sou eu quando falo pelo outro?

O intérprete ocupa um lugar que, a partir da psicanálise, é possível refletir: não existe neutralidade possível na interpretação, porque a própria presença de quem interpreta já implica desejo, escolha e equívoco, que deixam marcas na relação com o outro. Faremos uso de experiências reais dos participantes e do palestrante, de anedotas, de reflexões teóricas e da arte, para refletirmos como a tarefa de interpretação entre línguas de diferentes modalidades nos convoca no mais singular de cada um: esse entre-lugar que precisa ser construído e reconhecido ao longo da prática. A pergunta, então, deixa de ser como eu desapareço e passa a ser como me coloco, sem ocupar demais o espaço do outro, mas também sem me anular.

A partir daí, o workshop colocará em discussão um risco que ronda o TILS: o de supor que conhece, de antemão, quem é o outro com quem trabalha. Entre exercícios práticos, colocamos à prova esse antecipar imaginário que faz ver o outro pela metade, a partir do próprio olhar, e não do lugar singular que o outro ocupa.

O formato é prático e dinâmico, construído a partir de exercícios em grupo e de situações vividas em tempo real, entre elas os próprios equívocos que atravessam o português falado no Brasil e em Portugal, e que certamente hão de aparecer entre quem dinamiza e quem participa.

Os participantes sairão com questões para levarem à prática cotidiana, elementos para reconhecerem os próprios pressupostos sobre o outro, e a experiência de que o equívoco não é uma falha a eliminar, mas parte do ofício, a favor da escuta e da singularidade de cada sujeito.

COMUNICAÇÕES LIVRES

Moderadora: **Sara Marques** | Comissão Organizadora, ESE
P.PORTO

Inclusão nas EREB: Perceção dos profissionais

Cátia Barros

Cátia Salomé da Rocha Barros é mestre em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto e possui formação especializada em Educação Especial, no domínio cognitivo e motor. Exerce funções desde 2004 como Intérprete de Língua Gestual Portuguesa na Escola Básica e Secundária Alexandre Herculano, Escola de Referência para a Educação Bilingue, tendo também desempenhado funções docentes na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto. Foi uma das sócias fundadoras da ATILGP - Associação de Tradutores e Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa e os seus interesses profissionais e de investigação centram-se na educação bilingue de alunos surdos, na inclusão escolar, na Língua Gestual Portuguesa e na Educação Especial.

Joana Moreira

Joana Moreira é intérprete de Língua Gestual Portuguesa há mais de duas décadas, com experiência em contextos educativos, institucionais, jurídicos, culturais, religiosos e em eventos nacionais e internacionais. Atualmente, exerce funções como intérprete de LGP na Escola Básica e Secundária Alexandre Herculano, integrada na rede de Escolas de Referência para a Educação Bilingue de Alunos Surdos. Ao longo do seu percurso profissional, foi também docente na Escola Superior de Educação do Porto, contribuindo para a formação de futuros intérpretes de LGP. É mestre em Tradução e

Interpretação em Língua Gestual Portuguesa e possui uma pós-graduação em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor. É sócia-fundadora da ATILGP e autora de um capítulo publicado na área da interpretação. Mantém um forte compromisso com o desenvolvimento da profissão, com a comunidade surda e com a promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva.

A educação bilingue em Portugal tem sido implementada nas Escolas de Referência para a Educação Bilingue (EREB). Assim, este estudo tem por objetivo analisar os desafios e potencialidades das EREB na inclusão de alunos surdos com e sem medidas adicionais. Através da análise integrada das perceções dos docentes e técnicos das EREB, este estudo contribui para ampliar o conhecimento sobre a implementação da educação bilingue nas EREB, evidenciando pontos fortes e fragilidades.

Adotou-se uma abordagem quantitativa, com recurso a uma amostra não probabilística de tipo intencional constituída por 96 docentes e 81 técnicos da educação bilingue. O instrumento utilizado foi um inquérito por questionário, com recurso a escala de likert de 5 pontos e avaliou práticas pedagógicas, interação social, colaboração profissional, pertença identitária, barreiras e estratégias de inclusão. Os dados foram analisados através de estatística descritiva.

Os resultados evidenciam uma perceção globalmente positiva da inclusão nas EREB, salientando a acessibilidade linguística, a valorização da LGP e sentimentos de pertença. Contudo, persistem fragilidades ao nível da formação especializada dos profissionais, dos recursos materiais/tecnológicos disponíveis, na preparação para

momentos decisivos do percurso escolar (exames nacionais e transição para a vida ativa) e nas práticas colaborativas, com impacto na eficácia da intervenção. Persistem ainda desafios na inclusão de alunos com medidas adicionais, exigindo respostas diferenciadas, embora de forma geral as EREB sejam vistas como uma resposta igualmente eficaz para estes casos.

Concluindo, os resultados reforçam a relevância das EREB enquanto contexto promotor da inclusão de alunos surdos, não obstante a necessidade de investir na formação, recursos e no reforço das práticas colaborativas, de forma a responder melhor à diversidade de necessidades dos alunos e a consolidar uma educação verdadeiramente inclusiva

A dança como linguagem de expressão e desenvolvimento na comunidade surda

Filipa Carvalho

Natural do Porto, Filipa Carvalho é intérprete de Língua Gestual Portuguesa (LGP) desde 2009. É licenciada em LGP pela Escola Superior de Educação do Porto e, atualmente, integra a Direção da Associação de Surdos do Porto (ASP) no cargo de secretária.

Desenvolve a sua atividade profissional no contexto educativo desde o início da sua carreira, uma área pela qual nutre uma profunda afinidade devido à proximidade e ao acompanhamento contínuo que estabelece com crianças e jovens surdos. Paralelamente, possui uma vasta experiência noutros âmbitos, realizando serviços na área cultural, bem como intervenções diversificadas em múltiplos contextos sociais e institucionais.

O seu percurso enquanto intérprete e membro ativo da comunidade surda é firmemente alicerçado no respeito absoluto pela Língua Gestual e pela Comunidade Surda. A sua trajetória é igualmente pautada por um forte compromisso com o associativismo e com as causas sociais, destacando-se na defesa acérrima da regularização e da valorização da profissão de intérprete de LGP.

A par da sua carreira na interpretação, Filipa Carvalho conta com um percurso de 25 anos enquanto bailarina. Procura, de forma contínua, conciliar a sua atividade profissional com projetos artísticos e de dança direcionados e acessíveis ao público surdo, unindo a sua paixão pela arte à sua missão de inclusão.

Este projeto resulta da articulação entre a minha experiência como bailarina durante 25 anos e intérprete de Língua Gestual Portuguesa há 17 anos, tendo sido desenvolvido no âmbito da licenciatura. Parte da compreensão da dança como uma forma de expressão, comunicação e desenvolvimento humano, valorizando o seu papel na educação e na comunidade surda. Para além dos contextos inclusivos com alunos ouvintes, reconhece-se a importância de projetos dirigidos especificamente a pessoas surdas, enquanto espaços de identidade, pertença, expressão artística e desenvolvimento pessoal.

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, desenvolvido a partir da observação pedagógica de crianças e jovens surdos em contextos de dança inclusivos e em contextos específicos da comunidade surda. A recolha de informação incidiu na observação da participação nas atividades, da comunicação corporal, da expressão emocional, da interação entre os participantes e do desenvolvimento motor, cognitivo e socioafetivo. Os dados foram posteriormente analisados de forma descritiva e interpretativa.

Ao longo das sessões observaram-se melhorias na consciência corporal, na coordenação, no equilíbrio, na autonomia, na criatividade e na expressão emocional dos participantes. Observou-se ainda que a perceção do ritmo através das vibrações da música, sentidas pelo corpo e pelo contacto com o chão, permitiu aos participantes vivenciar a música de forma significativa, reforçando a confiança, o sentimento de pertença e a participação nas atividades. Nos contextos inclusivos verificaram-se também melhorias na interação entre participantes, no respeito pela diversidade e na valorização da Língua Gestual Portuguesa.

Os resultados reforçam o potencial da dança enquanto recurso educativo, artístico e social para crianças e jovens surdos. Para além de favorecer a expressão e a comunicação através do corpo, a dança contribui para o desenvolvimento pessoal, para a participação ativa e para a valorização das diferentes formas de comunicar e experienciar a arte.

Perspetivas de pessoas surdas sobre intérpretes na saúde e saúde mental em quatro países

Sílvia Alves

Sílvia Alves é Investigadora Auxiliar no Centro de Investigação e Inovação em Educação (inED) da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Concluiu o doutoramento em Psicologia em 2016, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Durante cinco anos, exerceu funções de Gestora de Ciência no inED e é atualmente membro da Direção desta unidade de I&D. É também Professora Adjunta Convidada na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, onde leciona ou lecionou unidades curriculares do Mestrado em Educação Especial, como Restrições à Mobilidade e Deficiências Neuromusculoesqueléticas, Fundamentos da Educação Especial, Desenvolvimento de Programas Educativos Individuais e Investigação em Educação.

A sua investigação incide sobre educação especial e inclusão, com particular enfoque nas políticas educativas, avaliação, CIF-CJ, programas educativos individuais, necessidades de apoio, participação e inclusão de crianças e jovens com deficiência ou necessidades adicionais de apoio. Publicou vários artigos científicos e capítulos de livros nestas áreas e possui vasta experiência em projetos internacionais, nomeadamente no âmbito do programa Erasmus+.

Susana Barbosa

Doutorada em Perturbações do Desenvolvimento e da Linguagem. Professora Associada, coordenadora da licenciatura em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa, coordenadora do mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas em Língua Gestual Portuguesa e investigadora no inED. Coordenou e é autora e coautora de vários livros. Oradora, organizadora e responsável por diversos eventos relacionados com a surdez, a Língua Gestual Portuguesa e a profissão de tradutor e intérprete, áreas nas quais possui várias publicações de âmbito nacional e internacional.

Ivone Duarte

Ivone Duarte é Professora Associada com Agregação no Departamento de Medicina Comunitária, Informação e Decisão em Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Doutorada em Bioética, é investigadora integrada no grupo ManEthics do CINTESIS@RISE e membro de várias comissões e programas nacionais e internacionais na área da bioética.

Inmaculada Garrote

Licenciada em Filologia Inglesa, mestre em Formação de Professores e mestre em Necessidades Educativas Especiais na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Doutorada com investigação centrada no ensino e aprendizagem de línguas para estudantes surdos. Desde o ano letivo 2017-2018, leciona na Universidad Rey Juan Carlos em diversos cursos de licenciatura e mestrado. Participa em vários projetos Erasmus+, integra o grupo de

investigação DIVERSIA e a Cátedra Institucional de Deficiência, Acessibilidade e Inclusão da URJC.

Rayco Gonzalez

Licenciado em Terapia da Fala e em Antropologia Social e Cultural. Doutorado em Linguística Aplicada (Cum Laude) pela Universidade de Vigo, com a primeira tese de doutoramento em Espanha dedicada à interpretação em línguas gestuais. Desde 2017, é docente e investigador na Universidad Rey Juan Carlos, com investigação nas áreas da tradução e interpretação em língua gestual, educação inclusiva e Desenho Universal para a Aprendizagem.

Hakan Sari

Professor Doutor Hakan SARI concluiu a sua formação académica em educação e educação especial no Reino Unido, regressando à Turquia em 2000. Desde 2001, exerce funções como diretor do Departamento de Educação Especial da Universidade Necmettin Erbakan. Publicou numerosos livros e artigos científicos e desempenhou cargos de elevado nível no Ministério da Educação Nacional e no Conselho do Ensino Superior da Turquia.

Beyza-Yakici

Licenciada e mestre em Orientação e Aconselhamento Psicológico pela Universidade Necmettin Erbakan. Doutoranda em Educação Especial na mesma instituição, onde exerce funções de Investigadora Assistente desde 2022, com investigação na área da Educação Especial.

Irene Strasly

Irene Strasly é tradutora especializada e intérprete de Língua Gestual Italiana. Coordenou a integração das línguas gestuais suíças nos programas de licenciatura e lançou o primeiro Diploma de Estudos Avançados para tradutores surdos na Suíça. A sua investigação centra-se na acessibilidade, com particular enfoque no acesso à saúde para pessoas surdas.

Pierrette Bouillon

Pierrette Bouillon é Professora na Faculdade de Tradução e Interpretação da Universidade de Genebra desde 2007, sendo atualmente Diretora da Faculdade e do Departamento de Tecnologia da Tradução. A sua investigação incide sobre processamento de linguagem natural, tradução automática e acessibilidade, tendo coordenado diversos projetos nacionais e europeus.

Introdução: Os intérpretes de língua gestual são essenciais para garantir o acesso equitativo das pessoas surdas aos cuidados de saúde. Contudo, a investigação tem privilegiado as perspetivas dos profissionais, sendo ainda limitada a evidência sobre as experiências das próprias pessoas surdas, sobretudo na saúde mental. Este estudo decorreu no âmbito do Projeto Cares-Deaf e teve como objetivo analisar o acesso, a utilização e o impacto dos intérpretes em serviços de saúde e saúde mental em Portugal, Espanha, Suíça e Turquia.

Método: Estudo quantitativo, descritivo e comparativo, com base num questionário aplicado a 347 adultos surdos: Portugal (n=69), Espanha (n=164), Suíça (n=12) e Turquia (n=102). Analisaram-se variáveis relativas ao conhecimento e uso dos serviços de interpretação, barreiras de acesso, impacto na comunicação com profissionais de saúde e preferências comunicativas em contextos de saúde e saúde mental.

Resultados: A maioria dos participantes em Portugal, Espanha e Turquia desconhecia a existência de serviços de interpretação hospitalar. Apesar dos intérpretes serem reconhecidos como facilitadores da comunicação, persistem dificuldades no acesso. Na saúde mental, vários participantes referiram ausência de intérprete quando necessário, e cerca de um terço dos participantes portugueses e espanhóis reportou desconforto com a sua presença nas consultas.

Discussão: Os resultados evidenciam fragilidades na acessibilidade dos serviços de interpretação em saúde. Embora essenciais, os intérpretes nem sempre garantem experiências de cuidado positivas, especialmente na saúde mental, salientando a necessidade de modelos comunicativos mais alinhados com as preferências e necessidades das pessoas surdas.

Contribuições do intérprete na transição dos alunos surdos para a vida adulta

Natalie Sturm

Natalie Sturm nasceu e cresceu na Alemanha. Em 2020, concluiu a licenciatura em Negócios e Culturas Internacionais (International Culture and Business Studies) na Universidade de Passau. Ao longo do percurso profissional, trabalhou em diversas áreas: como guia turística, num departamento de marketing e na coordenação de cursos de formação para adultos. Em 2023, mudou-se para Portugal para frequentar a licenciatura em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa na ESE do Porto, que conclui em 2026.

A transição para a vida adulta é uma etapa marcante no percurso dos alunos surdos e exige o desenvolvimento de competências que favoreçam a autonomia, a participação e a tomada de decisões. Neste processo, o Tradutor e Intérprete de Língua Gestual Portuguesa (TILGP) pode assumir um papel que vai além da interpretação, contribuindo para criar condições que apoiem o desenvolvimento destas competências. Esta comunicação resulta da experiência de estágio realizada num contexto de educação bilingue e procura refletir sobre esse contributo.

O estudo baseia-se num estágio curricular desenvolvido entre outubro de 2025 e maio de 2026 no Agrupamento de Escolas D. Maria II, em Braga, envolvendo 13 alunos surdos de diferentes níveis de escolaridade e graus de surdez. A análise assenta na observação das práticas educativas, na participação em atividades letivas e não

letivas, nos registos de estágio e na reflexão sobre a intervenção do TILGP.

A experiência evidenciou que o intérprete pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia, da autoadvocacia, das competências comunicativas e da participação dos alunos nos diferentes contextos educativos. Ficou igualmente evidente a importância da colaboração entre intérpretes e docentes, da preparação prévia das atividades e da existência de práticas inclusivas que favoreçam o envolvimento dos alunos. Ao mesmo tempo, persistem desafios relacionados com a definição do papel do TILGP, a preparação terminológica e algumas barreiras comunicacionais ainda presentes em contextos predominantemente ouvintes.

A reflexão desenvolvida reforça a importância do TILGP enquanto membro da equipa educativa, cuja intervenção pode contribuir para uma transição mais preparada e consciente para a vida adulta. Este processo exige uma colaboração próxima entre intérpretes, docentes, famílias e restantes profissionais, bem como uma definição clara das responsabilidades de cada interveniente.

SESSÃO PLENÁRIA 2.

QUE PROFISSÃO QUEREMOS CONSTRUIR?

Liliana Duarte

Licenciada em Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa pela ESE de Setúbal em 2005. Concluiu o mestrado em LGP e Educação de Surdos no Instituto Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa em 2009.

Frequentou o doutoramento em Ciências da Educação na Universidade Nova de Lisboa (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e Faculdade de Ciências e Tecnologia) e ISPA em 2017.

Atualmente é intérprete de LGP no Agrupamento Escolas Quinta de Marrocos e colabora em programas de informação e entretenimento em canais televisivos.

Mónica Santos

Mestre em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa pela ESE/IPP. Intérprete de Língua Gestual Portuguesa no Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano. Coautora de capítulos dos livros “Ser Intérprete de Língua Gestual Portuguesa” e “ATILGP - Uma História de Sucesso para a Comunicação”. Integrou os órgãos sociais da ATILGP entre 2014 e 2024.

Susana Branco

Mestre em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa pela Escola Superior de Educação do Porto, exerce funções como intérprete de Língua Gestual Portuguesa desde 2004. Atualmente, trabalha no Agrupamento de Escolas D.Maria II (Braga), sendo também, orientadora de estágios. Interpreta, ainda, em eventos sociais.

Nos anos letivos 2012/2013 e 2013/2014 lecionou como assistente convidada as UC's de Deficiência Auditiva I e II e Psicossociologia da Comunidade Surda na ESE do Porto (IPP). Participou nos projetos bilingues “Ir Além” e Arte e Olhar.

Co-autora do livro “Intérprete que sou” (2019) e autora do livro infanto-juvenil “O ballet das mãos é TOP!”

A profissão de intérprete de Língua Gestual Portuguesa enfrenta atualmente desafios que exigem uma reflexão coletiva sobre a sua identidade, reconhecimento, valorização e regulamentação. Neste contexto, esta sessão participativa pretende constituir um espaço de diálogo e de construção conjunta entre profissionais, promovendo a partilha de experiências, a análise da realidade profissional e a elaboração de propostas profícuas para o futuro.

Numa primeira fase, os participantes serão convidados a debater questões relacionadas com a caracterização da realidade atual, identificando os principais desafios, fragilidades, progressos e fatores que influenciam o reconhecimento do exercício profissional.

Nas últimas décadas, temos assistido a uma crescente procura de intérpretes em diversos contextos. Paralelamente, aumentaram as exigências técnicas, linguísticas e éticas associadas ao exercício profissional, cada vez mais diversificado, tornando-se necessário repensar vários aspetos dentro da profissão.

Partindo deste pressuposto, seguir-se-á uma reflexão sobre o que queremos construir nos próximos anos: que mudanças são necessárias na formação inicial, nas áreas adjacentes e na formação contínua; que princípios deverão nortear a profissão; que condições de trabalho devem garantir a qualidade e a dignidade profissional e, não menos importante, aquilo de que não podemos abdicar por ser determinante para um caminho sólido e estruturado rumo à excelência.

Por fim, a sessão centrar-se-á numa reflexão prospetiva sobre o futuro da profissão, promovendo a identificação de prioridades para a sua regulamentação. Os participantes serão convidados a discutir medidas consideradas urgentes, bem como o papel do Estado, das instituições de ensino, das entidades empregadoras e da própria classe profissional neste processo. Pretende-se, ainda, reunir recomendações a integrar num documento dirigido ao Governo, contribuindo para a definição de estratégias sustentadas que reforcem a qualidade e o futuro da profissão.

SESSÃO PLENÁRIA 3.

QUANTO TEMPO DURA UMA CARREIRA NA INTERPRETAÇÃO EM LGP?

Moderadora: **Teresa Martins** | ESE P.PORTO

Teresa Martins

Teresa Alves Martins é professora adjunta convidada nas Escolas Superiores de Educação do Politécnico do Porto e de Coimbra e investigadora no InED - Centro de Investigação e Inovação em Educação. As suas áreas de investigação são o envelhecimento e a participação de pessoas adultas mais velhas, mas também a intervenção comunitária e educação de pessoas adultas. Questões relacionadas com a educação para os direitos humanos e educação para a cidadania global, nomeadamente as relacionadas com fenómenos de discriminação têm sido também objeto do seu trabalho. É Doutorada em Gerontologia e Geriatria, Mestre em Gerontologia Social e Licenciada em Educação Social.

Cidália Jesus

Cidália Correia Jesus é intérprete de Língua Gestual Portuguesa desde 1993, dedicando há mais de três décadas o seu percurso profissional ao serviço da comunidade surda. É licenciada em Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal e exerce atualmente funções na Federação Portuguesa das Associações de Surdos, conciliando esta atividade com o exercício profissional em regime de freelancer.

Filha, neta e sobrinha de pessoas surdas, cresceu entre a Língua Gestual Portuguesa e a Cultura Surda, realidade que marcou profundamente a sua identidade pessoal e profissional. Ao longo do seu percurso, tem desenvolvido atividade em contextos diversos como o associativo, comunitário, académico, institucional, judicial, político, televisivo, cultural, científico, desportivo, entre outros, quer a nível nacional, quer internacional.

Continua a desenvolver atividade em diferentes contextos profissionais, com um gosto especial pela partilha de conhecimento, ao movimento associativo e à reflexão sobre a profissão, através da participação em conferências, e outras iniciativas dedicadas à interpretação de Língua Gestual Portuguesa.

Acredita que a experiência profissional se constrói através da aprendizagem contínua, do aperfeiçoamento permanente, da consciência dos próprios limites e do compromisso de prestar um serviço cada vez mais qualificado, adequado e respeitador das necessidades, dos direitos e da diversidade das pessoas surdas.

Joana Conde e Sousa

Joana Sousa nasceu em Leiria. Formou-se na Licenciatura em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa pela Escola Superior de Educação de Setúbal, em 2003. Em 2011, obteve o grau de mestre em Língua Gestual Portuguesa e Educação de Surdos, pelo Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa. Iniciou o seu percurso profissional como docente na Licenciatura de LGP, na Escola Superior de Educação de Coimbra, tendo obtido o título de Especialista na área de Língua e Literatura Materna, em 2015. Desde 2003 que presta serviços de interpretação em diferentes âmbitos: associativo, religioso, judicial, desportivo, cultural, em conferências nacionais e internacionais, em espetáculos ao vivo, clips publicitários, entre outros. É sócia fundadora da ANAPI-LG, tendo sido presidente da direção entre 2011 e 2015.

Paula São Pedro

Paula São Pedro é intérprete de Língua Gestual Portuguesa desde 2000. Iniciou a sua formação no Curso de Intérprete de Língua Gestual Portuguesa da Associação de Surdos do Porto e, posteriormente, concluiu a Licenciatura e o Mestrado em Tradução e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

Ao longo do seu percurso profissional, tem desenvolvido maioritariamente a sua atividade em contexto educativo, promovendo a acessibilidade e a inclusão de alunos surdos. Nos últimos anos, tem-se dedicado em particular ao acompanhamento de alunos com medidas adicionais de suporte à aprendizagem, colaborando na construção de respostas educativas ajustadas às suas

necessidades. O seu trabalho pauta-se pelo compromisso com a qualidade da interpretação, a ética profissional e a valorização da Língua Gestual Portuguesa.

Novas profissões começam a deparar-se com desafios e dilemas que têm vindo a ser problematizados em outras áreas profissionais, nem sempre com respostas claras nem com medidas que de facto correspondam às necessidades e circunstâncias concretas de cada grupo profissional.

Para os interpretes em Língua Gestual Portuguesa, cuja profissão foi regulamentada em 1999 com a aprovação da Lei n.º 89/99, de 5 de julho, a questão das condições objetivas para a manutenção da atividade profissional até ao limite legal estabelecido para a generalidade da população portuguesa – 66 anos e 9 meses em 2026, e já com indicação de alargamento para 2027 - começa a colocar-se.

Esta questão acontece em paralelo com outros desafios que há mais tempo enfrentam profissionais de outras áreas. Destaca-se a precaridade laboral, já que muitos/as interpretes não têm conseguido ter contratos de trabalho que lhes garantam alguma segurança e estabilidade profissional e por conseguinte pessoal e familiar, agora e numa futura situação de aposentação. Neste sentido, a forma como têm vindo a ser encaradas as doenças profissionais decorrentes desta atividade deve ser problematizada, considerando que esta acaba por ser uma atividade eminentemente física, acrescida de uma sobrecarga emocional que deve ser reconhecida. Associado a tudo

isto, vale a pena falar ainda dos desafios da articulação intergeracional entre intérpretes. Estará o conhecimento adquirido pelos/as colegas com mais experiência a ser valorizado e integrado no processo de enriquecimento profissional das pessoas que vão chegando à profissão? Como se faz esta comunicação e cooperação intergeracional?

Por estes e por outras razões, vale a pena colocar a questão “Quanto tempo dura uma carreira na interpretação em LGP?”, trazendo-a a debate no 6º Congresso dos Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa.

Os textos apresentados são da autoria e responsabilidade do(s) autor(es).

ORGANIZAÇÃO

Tradução & Interpretação



Língua Gestual Portuguesa

P.PORTO

ESCOLA
SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO

APOIO E COLABORAÇÃO



Associação de Tradutores
e Intérpretes de Língua
Gestual Portuguesa



P.PORTO